

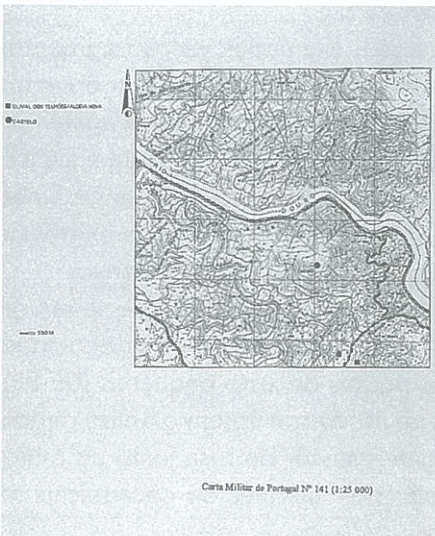
Susana Rodrigues Cosme \*

## O lagar romano de Aldeia Nova/Olival dos Telhões (Almendra, Vila Nova de Foz Côa)

O povoamento e economia romano na zona de Riba Côa, é tema pouco conhecido por falta de estudos na área, quer arqueológicos, quer documentais e quando falamos da transição desta para a Alta Idade Média, então os conhecimentos são ainda menos e mais nublados.

Se a região de Riba Côa é muito fértil em minas, o que nos leva a crer que seria uma das actividades principais na época romana, não podemos deixar de acreditar que a agricultura seria a base da economia das inúmeras *villae* da zona.

O que se pretende nesta comunicação é apresentar um conjunto de estruturas da estação arqueológica de Aldeia Nova/Olival dos Telhões, que pensamos pertencerem a um lagar de vinho tardo romano.



Fotografia 1

A estação de que falamos fica situada na zona mais a Este da Região Demarcada do Douro, pertencendo à freguesia de Almendra, concelho de Vila Nova de Foz Côa, distrito da Guarda (Fot. 1). Quem vem de Vila Nova de Foz Côa e se dirige a Almendra, pela estrada nacional n.º 222, antes de chegar a Almendra encontramos um cruzamento para a Estação de Caminhos de Ferro de Almendra, seguindo esta estrada, a n.º 332, e passando pela capela de Nossa Senhora do Campo, após o quilómetro 4, encontramos a estação arqueológica, logo visível pelas estruturas nos cortes da estrada. Aquando da aber-

tura desta via, foi rompida a estação arqueológica, aproximadamente entre o quilómetro 3,5 e o quilómetro 4 da dita estrada e que deixou esta estação brutalmente devassada, não se sabendo do paradeiro dos materiais encontrados, nem da forma como os trabalhos decorreram, como consequência perdeu-se toda a informação deste povoado numa extensão de aproximadamente 2000 m<sup>2</sup>.

Trata-se de uma encosta de declive suave, virada a sudeste, para um curso de água que hoje em dia só existe, em forma de represa.

Com efeito, e tendo em conta que a área total da Estação ainda não está definida, os materiais e estruturas encontradas nas campanhas de escavação efectuadas leva-nos a crer que estaremos perante uma *villa* tardo-romana e com ocupação alto-medieval, até pelo menos ao século VII-VIII. Pode dizer-se que neste local, apesar da pouca área intervencionada e ainda em início de estudo, foram encontrados materiais cerâmicos romanos e alti-medievais de muito boa qualidade.

Hoje, temos já estruturas e materiais que nos permitem um melhor conhecimento do sítio arqueológico. Duas fíbulas anelares, com aro e secção circulares, com os extremos coroados por molduras anelares e com fusilhão de aro, datados de inícios do séc. I a.C a finais do séc. IV, tipologia Ponte B51. 2a (Ponte, 71, 458-470). O espólio numismático encontrado até agora pertence aos séculos III-IV, nomeadamente uma moeda cunhada entre 353-355 pelo imperador Magnentius e cujo centro emissor é Lyons. Apesar disso, a estratigrafia não nos revela uma cronologia lata, os materiais cerâmicos aí encontrados pelo contrário, abrangem uma amplitude que vão do século II d.C. ao século VI-VII d.C.

Quanto a recipientes de armazenamento, foram exumados vários fragmentos pertencentes a várias tipologias e tamanhos de *dolia*. As ânforas são objectos raros nas várias escavações realizadas nesta zona se bem que nos tenha aparecido uma tipologia de ânfora tardia e talvez de produção local. O facto desta ausência de ânforas pode ter três explicações: a falta de escavações de lagares de vinho romanos; a ausência de comércio de vinho com esta zona do império; a existência de uva e de lagares suficientes na zona que não justificassem esse comércio.

Com o alargamento da área intervencionada, e após a camada de terras de revolvimento, causada pelo arado, com cerca de 10 a 15 centímetros de espessura, surge um primeiro derrube composto de pedras de xisto pequenas (UE-85), onde destacamos o encontro de um movente e um dormente em granito, depois da remoção desse derrube fez surgir uma argamassa côr de rosa junto ao muro, esta argamassa revestia o que se viria a revelar dois tanques de decantação de produtos líquidos, com toda a certeza vinho.

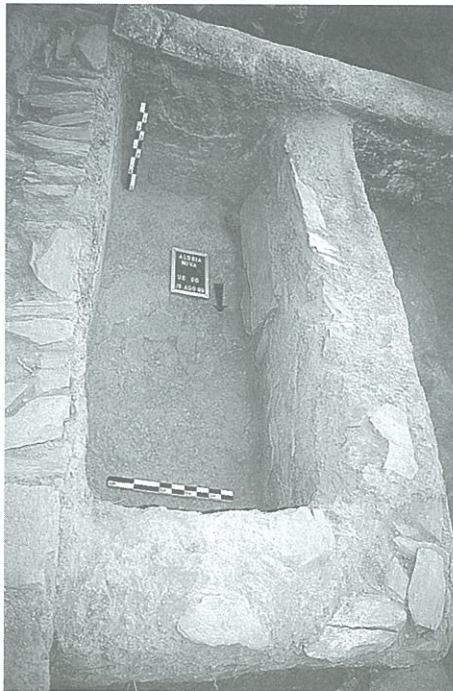
No espaço fora dos tanques, o derrube de pedras pequenas, foi substituído por pedras de maior tamanho e importância envoltas numa terra amarelada (UE-94) como são testemunhos o fragmento de fuste e um capitel toscano. A este

derrube surge-nos outro de tegula e pedras pequenas (UE-103). Seguia-se uma camada de terra cinzenta que envolvia um último derrube de pedras e tegula. (UE-104). Sob este último derrube deparamos com uma terra amarela compacta com alguma lages de xisto niveladas (UE-107), que pensamos poder tratar-se de um piso de ocupação.

Dentro dos tanques fomos encontrar derrubes semelhantes aos do exterior, quer na sequência da deposição, quer a nível de materiais.

Assim, dentro do qual chamámos Tanque I (UE-90; Fot. 2), retirou-se o derrube (UE-92), onde surgiram entre outros um fundo de ânforeta e um badalo com respectivo guiso de um animal bovínico, muito utilizado na época romana, quer na agricultura quer nos lagares de vinho e azeite.

Este Tanque I é constituído por muros de xisto e tijolo revestidos a uma argamassa composta de cal e cerâmica triturada, chamada de *opus musivum*. No fundo tem um pequeno recipiente semiesférico de 10 centímetros de profundidade por 40 centímetros de diâmetro. O tanque tem 0,75 metros de largura, 2,15 metros de comprimento e 0,70 metros de profundidade e uma capacidade para 1130 litros.



Fotografia 2

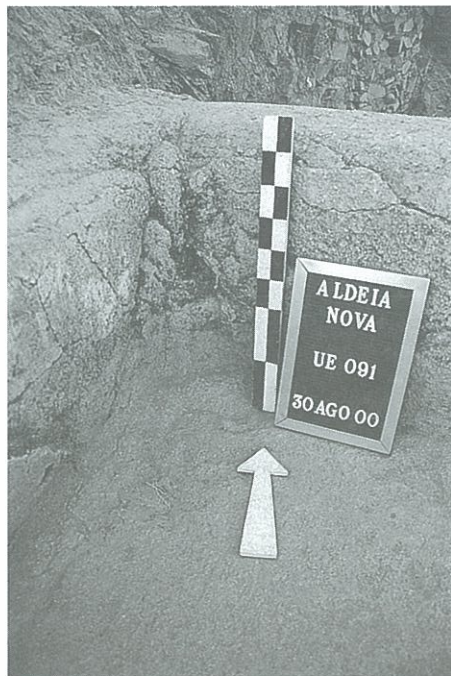
O tanque ao qual chamámos Tanque II (UE-91; Fot. 3) foi escavado em duas campanhas, devido a uma oliveira que se encontrava sobre ele. Assim, em 1999, foi escavada uma parte até ao X-247, tendo sido atribuído ao derrube que se encontrava dentro dele o n.º de UE-93. Na campanha de 2000, foi cortada a oliveira e alargada a área até ao eixo X-249,70. Que depois da remoção da terra de revolvimento do arado (UE-126), surge um derrube dentro do tanque ao qual se deu o n.º de UE-122 e fora do tanque um outro com o n.º de UE-128.

O tanque II, com muros de xisto e tijolo revestidos a argamassa, igual à do tanque I. Os cantos apresentam uma espécie de tubo em argamassa, que depois foi revestido com o mesmo material, de forma a tapá-lo, arredondando os cantos do tanque (Fot. 4). Este tanque apresenta uma das paredes destruída pelas raízes de uma oliveira. As suas dimensões são de 1,80 metros de largura, 2,92 metros de comprimento e cerca de 50 centímetros de profundidade e uma capacidade de 2630 litros.

Ambos os tanques apresentam, no fundo, uma pequena depressão semiesférica de 10 centímetros de profundidade por 30 centímetros de diâmetro, o tanque I, ao centro, e o tanque II, chegado ao canto mais próximo do tanque I. Estas depressões têm como funcionalidade uma mais fácil recolha de resíduos do produto armazenado.



Fotografia 3



Fotografia 4

Dentro da parte interior do muro UE-44 e após o derrube de pedra miúda, uma outra camada de derrube (UE-86) sob a qual foi detectada uma estrutura circular.

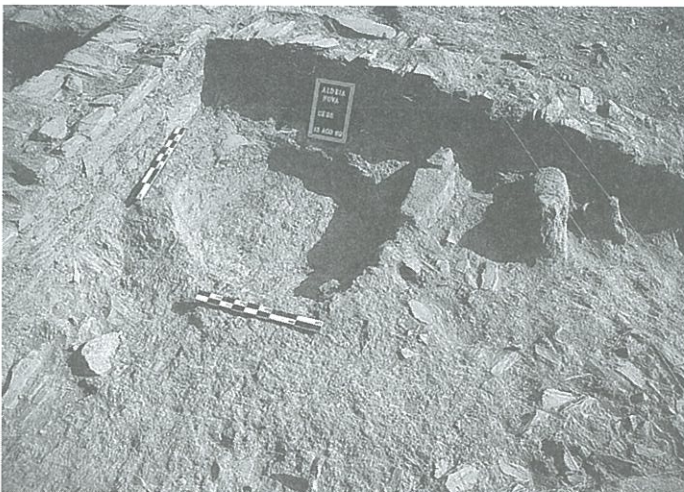
Esta estrutura (UE-98; Fot. 5) é forrada de argamassa côm de rosa igual à dos tanques acima referidos, tem um diâmetro de cerca de 1 metro e na parte mais preservada cerca de 20 centímetros de altura, não deveria ter muito mais; no entanto, nunca o saberemos ao certo, pois todo o possível piso de ocupação foi destruído. Esta é uma zona de grande declive e em alguns locais a rocha base está quase à superfície (UE-96).

Destacamos ainda duas pedras bem fincadas junto a esta estrutura circular e que serviriam de apoio à actividade de prensagem na estrutura circular.

Na sala contígua a estas estruturas após vários derrubes, surge-nos um derrube de tegula (UE-127) com vários fragmentos de *dolium*. Após este derrube surge-nos uma camada de terra negra (UE-134) com algumas lages relativamente niveladas, onde destacamos um conjunto, no canto, formado pelas estruturas UE-44 e UE-45, que nos parece ser um suporte de uma peça cerâmica de grande porte como é o caso dos *dolia*.

Após esta descrição física das estruturas e estratigrafia passamos à sua caracterização funcional.

As descobertas deste ano, vêm confirmar as nossas ideias anteriores de que estamos a intervir na parte rústica do povoado. Pensamos poder afirmar com alguma segurança estar perante um lagar de vinho de características tipicamente mediterrânicas, com duas áreas de tanques de decantação impermeabilizados com argamassa e com escoadores destinados a facilitar a recolha do líquido, com uma capacidade de 3760 litros. A estrutura circular trata-se de um outro tanque,



Fotografia 5

equipamento associado aos tanques vizinhos, que com ajuda de uma estrutura em madeira conduziria o líquido para os tanques (Fot. 6). Um lagar semelhante apareceu na *villa* de Freiria, que os arqueólogos responsáveis pela intervenção classificam como lagar de azeite (Cardoso, 1999: 391-401).

O facto de a rocha base aqui, ser o xisto, pode ser a causa para a construção deste tipo de lagares e assim se justificar a quase ausência de lagares escavados na rocha, o que não era sinónimo da falta de produção vínica da região.

De qualquer forma, o certo é que, o interior Norte do país tem essencialmente falta de conhecimentos arqueológicos para podermos realizar um estudo mais aprofundado sobre a vitivinicultura da região durante a antiguidade tardia. Escavações arqueológicas rareiam, os lagares que se conhecem são essencialmente de prospecção, a maioria dos ditos lagares romanos escavados na rocha, não são romanos e na maioria dos casos não são realizadas escavações junto dos mesmos, limitando-se a limpezas das lagaretas para fotografia e/ou desenho sendo, assim, ainda difícil podermos esclarecer tantas dúvidas.

A verdade é que neste povoado se produzia vinho, e numa quantidade significativa, durante a antiguidade tardia.



Fotografia 6

## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge – *Portugal, das Origens à Romanização*. In «Nova História de Portugal». Editorial Presença, 1990.
- ALARCÃO, Jorge – *Roman Portugal*. London, 1988. Vol. 2, fasc. 1.

- ALLEN, H. Warner – *A History of Wine – Great Vintage Wines from the Homeric Age to the Present Day*. London: Faber and Faber, 1961.
- ALMEIDA, Carlos A. Brochado de – *O aro arqueológico de Carlão – Alijó. O cultivo da vinha na época romana*. «Estudos Transmontanos». N.º 5 (1993) p. 217-287.
- AMOURETTI, Marie-Claire; BRUN, Jean-Pierre – *La production du vin et de l'huile en Méditerranée*. «Bulletin de Correspondance Hellénique». Supplement 26 (1993).
- Arqueologia del vino, los origenes del vino en occidente*. Jerez de la Frontera: Ed. Sebastián Celestino Pérez, 1995.
- BLAZQUEZ, J. M. – *Economia de la Hispania Romana*. 1978.
- BORGES, J. António – *A romanização no concelho de Figueira de Castelo Rodrigo*. «Rev. Beira Alta». Vol. 58, n.º 1 e 2 (1999) p. 73-103.
- CABRAL, A. A. Dinis – *História da Cidade de Calábria, em Almendra – subsídios*. Porto: Ed. da Casa da Beira Alta, 1963.
- CARDOSO, Guilherme; ENCARNAÇÃO, José de – *Economia agrícola da região de Olissipo – o exemplo do lagar de azeite da villa romana de Freiria*. In «Economie et Territoire en Lusitanie Romaine». Casa de Velázquez, 1999. Vol. 65, p. 391-401.
- COIXÃO, A. N. Sá – *Carta arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*. Ed. da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, 1996.
- CORTEZ, Fernando Russell – *As escavações do «Castellum» da Fonte do Milho – Contributo para a Demogenia Duriense*. Separata dos «Anais do Instituto do Vinho do Porto», vol. 1 (1951).
- COSME, Susana Rodrigues – *Aldeia Nova – Resultados de uma Primeira Sondagem*. «Côavisão, cultura e ciência». N.º 0 (1998).
- COSME, Susana Rodrigues – *Projecto de Investigação Arqueológica do Território do Monte do Castelo (Almendra)*. In «Terras do Côa/da Malcata ao Reboredo». 1998, p. 209-213.
- COSME, Susana Rodrigues e MARQUES, M.ª. do Rosário – *Monte Calabre – Rupturas e Continuidades na Organização do Povoamento*. In «Actas do II Congresso Internacional do Rio Douro, 1996» ( no prelo).
- COSME, Susana Rodrigues e MARTINS, Carla – *Monte Calabre – Estudo analítico do espólio metalúrgico de Aldeia Nova/Olival dos Telhões (Almendra, Vila Nova de Foz Côa)*. In «Actas do III Congresso de Arqueologia Peninsular, 1999» (no prelo).
- COSME, Susana Rodrigues; MARQUES, M.ª. do Rosário – *Monte Calabre – Rupturas e Continuidades na Organização do Povoamento. Primeira Notícia*. «Douro Estudos & Documentos». Porto: GEHVID. N.º 2 (1996).
- COSME, Susana Rodrigues; MARTINS, Carla – *Monte Calabre – O Contributo do espólio cerâmico na interpretação da estação arqueológica de Aldeia Nova/Olival dos Telhões (Almendra)*. In «Actas das 1as Jornadas do Património da Beira Interior, 1998» (no prelo).
- COUDERC, M. J. M.; PROVOST, M. M. – *Vigne et vignoble ligériens dans l'Antiquité*. «Archéologie de la Vigne et du Vin». Caesarodunum. Tome 24 (1990) p. 89-98.
- FAUCHER, Daniel – *Geografía Agrária*. 2ª ed. Ed. Omega.
- FERREIRA, Octávio da Veiga – *Notícia sobre dois lagares antigos*. «Rev. Do Sindic. Nac. Dos Eng. Auxiliares». N.º 75-76 (Março-Abril 1952).

- FITA, S. J. Fidel – *Caliábria Romana*. «Boletín de la Real Academia de la Historia». Nº 62 (1913) p. 173-182.
- FITA, S. J. Fidel – *Caliábria y Ciudad Rodrigo*. «Boletín de la Real Academia de la Historia». Nº 62 (1913) p. 264-270.
- FLOREZ, Pe. Henrique – *España Sagrada*. Madrid, 1786, Vol. 14, p. 36-55, Vol. 19, p. 364-376, Ap. II, Tratado XLIII.
- FONSECA, Álvaro Moreira da – *Apontamentos históricos sobre o Douro e sobre a preparação do Vinho do Pôrto*. «Anais do Instituto do Vinho do Porto».
- FORTES, José – *Lagar de Mouros*. «Portugália». Tomo 1 (1899-1903) p. 606-608.
- GOMEZ BELLARD, Carlos; GUERÍN, Pierre – «Los Lagares del Atl de Benimaquia (Denia): en los inicios del Vino Ibérico». In *Arqueología del Vino – Los orígenes del vino en occidente*. Jerez de la Frontera: Edición Sebastián Celestino Pérez, 1995.
- LEAL, Pinho – *Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa, 1874, vol. 2, p. 47-48.
- LEMPS – *Les vignobles du Nord-Ouest de l'Espagne au Moyen Age*. 1967.
- MANZI, Luigi – *La viticoltura e l'enologia Presso i Romani*. Roma: Ed. Quasar, 1998.
- MOLIN, M. M. – *Le transport du raisin et du vin par la route à l'époque romaine en Gaule et dans les provinces voisines*. «Archéologie de la Vigne et du Vin». Caesarodunum. Tome 24 (1990) p. 205-218.
- OLIVEIRA, A. J. Sardinha de – *O lagar romano de Palma*. Sep. do «Boletim da Junta de Província do Alto Alentejo», nº 2 (1958).
- PONTE, Salete da – *Corpus Signorum das fíbulas proto-históricas e romana, Portugal*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras do Porto, 2001. Texto policopiado.
- POUNDS, Norman J. G. – *La Vida Cotidiana: história de la cultura material*. Barcelona: Editorial Crítica.
- RICH, Anthony – *Dictionnaire des Antiquités Romaines et Grecques*. Paris: Librairie de Firmin Didot Frères, Fils et C., 1861.
- ROCHA, Santos – *Antiguidades romanas das vizinhanças de Nellas*.
- ROCHA, Santos – *Lagar luso-romano do Vidigal*.
- SAEZ FERNANDEZ, Pedro – *Sobre algunos tipos de tierras vitícolas de la Bética*. In «Actas 1º Congreso Peninsular de Historia Antigua», vol. 3.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. – *Contribuição para o estudo do culto do vinho no leste de Trás-os-Montes*. Sep. das «Jornadas Vitivinícolas», nº 5 (1964).
- SELTMAN, Charles – *Wine in the Ancient World*. London: Routledge & Kegan Paul Ltd, 1957.
- SEVERO, Ricardo – *O Castro de Vilarinho de Cotas*. «Portugália». Nº 2 (1905-1908).
- SOUSA, D. Gonçalo de Vasconcelos e – *Subsídios para o levantamento do Património Construído de Almendra*. Vila Nova de Foz Côa: Ed. da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, 1993.
- TEIXEIRA, Carlos – *Subsídios para a história da videira em Portugal*. «Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles». Vol. 15, nº 1-4 (1944-1947).
- VIANA, Abel – *Lagar aberto na rocha*. «Terra Lusa». Nº 3 (1952).